

Artigos

A educação cooperativista na visão do cooperado: O caso da cooperativa agroindustrial C. Vale

Cooperative education in the view of the cooperate: The case of the agroindustrial cooperative C. Vale

Daiane Franciele Staback¹ , **Carla Maria Schmidt¹** , **Ednilse Maria Willers¹** 

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, PR, Brasil

RESUMO

Por ser o cooperativismo um dos modelos de organização que promove o desenvolvimento econômico e social, estudos voltados ao aumento de seu desempenho e a redução de seus problemas podem ser entendidos como cada vez mais importantes. Nesse sentido, compreender aspectos voltados a programas de educação cooperativa, que contribuem para a capacitação, participação e permanência de seus cooperados mostram-se relevantes. Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar a percepção dos cooperados sobre a educação cooperativista existente na Cooperativa Agroindustrial C. Vale. Essa cooperativa está localizada na microrregião de Toledo, mesorregião Oeste Paranaense. Trata-se de uma cooperativa agroindustrial, com sede no município de Palotina, que possui 150 unidades de negócios, aproximadamente 21.800 cooperados e cerca de 10.500 funcionários. A metodologia utilizada foi um estudo de caso, de caráter descritivo, qualitativo e quantitativo em relação ao objetivo proposto. Em relação à coleta de dados, aplicou-se um questionário, além de uma entrevista semiestruturada. Os principais resultados demonstram que o programa de educação cooperativista é percebido como positivo pela maioria dos cooperados, necessitando este, contudo de reflexões e constante avaliação.

Palavras-chave: Princípios cooperativistas; Educação; Capacitação; Cooperação

ABSTRACT

Because cooperativism is one of the organizational models that promotes economic and social development, studies aimed at increasing its performance and reducing its problems are increasingly important. In this sense, understanding, aspects related to cooperative education programs, which contribute to the training, participation and permanence of its members are relevant. Thus, the objective of this research is to analyze the members' perception about the cooperative education existing at Cooperativa Agroindustrial C. Vale. This cooperative is located in the microregion of Toledo, mesoregion west of Parana State. It is an agro-industrial cooperative, located in the municipality of Palotina, has 150 business units, approximately 21,800 members and 10,500 employees. The

methodology used was a case study, of a descriptive, qualitative, and quantitative nature in relation to the proposed objective. Regarding data collection, a questionnaire was applied, as well as a semi-structured interview. The main results demonstrate that the cooperative education program is perceived as positive by the majority of the cooperative members. However, the program needs, reflections and constant evaluation.

Keywords: Cooperative principles; Education; Training; Cooperation

1 INTRODUÇÃO

O cooperativismo é tido como um dos principais instrumentos para a promoção de desenvolvimento econômico-social, por gerar e distribuir renda, além de promover o capital social nas comunidades que o praticam (BIALOSKORSKI NETO, 2002; LIMA; ALVES, 2011). Além disso, a instituição cooperativa pode ser vista como uma das mais desenvolvidas formas de organização da sociedade civil. Nesse sentido, ela tende a contribuir com o resgate da cidadania através da participação, do exercício da democracia, da liberdade e da autonomia (MORATO; COSTA, 2001).

No Paraná, as cooperativas agropecuárias possuem um papel importante no desenvolvimento socioeconômico e na transferência de tecnologia, na garantia da compra e do escoamento das safras. Dentre as suas muitas funções, destaca-se o fato de que elas transformam os excessivos produtivos das áreas rurais gerando emprego e renda no interior do estado (LIMA; ALVES, 2011). Em complemento, os autores supracitados destacam que o desenvolvimento rural e a modernização das regiões paranaenses fortaleceram-se graças às cooperativas agropecuárias no decorrer do processo de estabelecimento do agronegócio no estado.

Dentro do contexto das cooperativas, o processo de educação tende a ser visto como estratégico, pois busca promover a integração ativa dos cooperados, a partir de uma intervenção crítica na gestão da cooperativa e no usufruto dos produtos e serviços econômicos e assistenciais oferecidos. Nas ideias de Nascimento (2000), muitos dos problemas que as cooperativas passam, como as questões financeiras e as gerenciais, estão passíveis de resolução se os

envolvidos com elas participam ativamente de suas demandas. Naturalmente, esse tipo de conscientização só se torna efetivo se há uma política de educação cooperativista em atividade na empresa.

Schneider (2007, p. 25) também ressalta a importância da educação nas organizações cooperativas ao afirmar que “os valores da cooperação devem ser mais trabalhados entre os cooperados, dirigentes e públicos em geral”, pois são eles que dão “sentido, motivação e razão de ser para a ação cooperativa”. Ainda segundo o autor, só assim se consegue a lealdade dos cooperados e o fortalecimento da cooperativa.

Considerando o exposto, o objetivo deste estudo é analisar a percepção dos cooperados sobre a educação cooperativista existente na Cooperativa Agroindustrial C. Vale. Essa cooperativa está localizada na microrregião de Toledo, mesorregião Oeste Paranaense. Trata-se de uma cooperativa agroindustrial, com sede no município de Palotina, que possui 150 unidades de negócios, aproximadamente 21.800 cooperados e cerca de 10.500 funcionários (C. VALE, 2019). A cooperativa foi eleita a 21º no ranking de maiores empresas em vendas do agronegócio do país (EXAME, 2019).

Nesse sentido, estudar formas que possam contribuir para a sobrevivência social da C. Vale se justifica, já que as práticas da educação cooperativista são estratégias defendidas por diversos autores, a exemplo de Frantz e Schonardie (2007), Schneider (2007), Mendes (2010) e Frantz, Schonardie e Schneider (2017). Se a cooperativa é um instrumento de trabalho, a educação para a cooperação afirma a importância do diálogo entre os cooperantes e a sua plena consciência sobre o caráter social, justo, transparente e solidário da organização (FRANTZ; SCHONARDIE; SCHNEIDER, 2017).

2 EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA

Para iniciar as discussões teóricas deste trabalho, recupera-se uma afirmativa de Frantz (2008, p. 50) quando diz que “a educação é um processo que se realiza, de forma complexa e múltipla, nas relações sociais, as quais ocorrem nos mais diferentes espaços da vida humana: no trabalho, nos grupos sociais, nos movimentos sociais, na família, na escola, na igreja, no partido político, no sindicato e na cooperativa”. Com base em tal pensamento, parece claro que ela “é um fenômeno que contém aspectos técnicos, políticos e culturais. As características inerentes à complexidade do fenômeno social da cooperação contribuem para o processo educativo em organizações cooperativas” (FRANTZ, 2012, p. 50).

Para compreender melhor o fenômeno da educação, lança-se mão das postulações de Libâneo (1998, p. 24):

[...] a educação associa-se, pois, a processos de comunicação e interação pelos quais os membros de uma sociedade assimilam saberes, habilidades, técnicas, atitudes, valores existentes no meio culturalmente organizado e, com isso, ganham o patamar necessário para produzir outros saberes, técnicas, valores, etc. É intrínseco ao ato educativo seu caráter de mediação que favorece o desenvolvimento dos indivíduos na dinâmica sociocultural de seu grupo, sendo que os conteúdos dessa mediação são os saberes e modos de ação. [...].

Se a educação pode ser entendida como um processo de comunicação e de interação em uma sociedade, então “as organizações cooperativas se constituem em campos de educação, fundadas no sentido da organização e na atuação de seus cooperados” (FRANTZ, 2012, p. 51). Tendo essa assertiva como verdadeira, julga-se importante identificar quais são as práticas ou ações educativas inerentes às organizações cooperativas e compreendê-las, já que isso tem a ver com a racionalidade e funcionalidade dessas empresas. Em outras palavras, esse percurso é percebido como “fundamental para a construção das condições de estabilidade de uma cooperativa, uma vez que esta deve ser

produto de uma ação consciente e combinada entre sujeitos com vistas a um determinado fim” (FRANTZ, 2012, p. 51).

De acordo com Frantz (2012, p. 54), uma cooperativa se caracteriza por dois extremos: “um associativo e outro instrumental, isto é, empresarial”. Assim sendo, ela é entendida como uma ação política, organizada pelo enlaçar desses contextos. No intuito de esclarecer essa polaridade, Frantz (2003) argumenta que,

[...] em razão da natureza da organização cooperativa – associação e empresa – a educação, como formadora e qualificadora de seus integrantes, se constitui um dos aspectos fundamentais de sua estrutura e gestão. Por isso, comunicação e educação, em organizações cooperativas, não devem envolver apenas os cooperados, mas também aqueles que venham somar-se a elas pelo seu trabalho, pelos serviços técnicos ou gerais (FRANTZ, 2003, p. 28).

Sendo a cooperativa um instrumento do trabalho, a educação para a cooperação afirma a importância do diálogo entre os cooperantes e a sua plena consciência sobre o caráter social, justo, transparente e solidário da organização (FRANTZ; SCHONARDIE; SCHNEIDER, 2017). Desse modo, opõe-se ao sentido tradicional de educação, afirmado ao longo do processo capitalista de produção, com o objetivo de qualificar as pessoas para a produção sob a lógica do capital e como processo de geração e afirmação de valores de legitimação dessa lógica, realizada sob o princípio da individualização e da concorrência (MÉSZÁROS, 2005).

Segundo Souza (2000, p. 7), as iniciativas de educação cooperativa “têm pouco peso econômico, mas possuem grande significação cultural, afinal são experiências destacadamente educativas”. Complementando essa perspectiva, entende-se que é na afirmação e na construção desses processos sociais que será dada ênfase às práticas voltadas à cultura de valores e de comportamentos de cooperação.

Lago (2008) reforça que a falta de educação cooperativista é a principal origem dos problemas de infidelidade e oportunismo do cooperativismo. Desse modo, tais questões contribuem para a ausência de resultados, ao endividamento e prejudicam a capitalização e até a sustentabilidade da cooperativa. Nesse sentido, Schneider (2007) enfatiza que a educação cooperativista é um mecanismo indispensável para garantir a sobrevivência das cooperativas, reforçando que, sem essas atividades de cunho educacional, as cooperativas podem correr o risco de serem absorvidas pelo sistema socioeconômico vigente, em que há predominância da concorrência e do conflito.

Essas iniciativas educativas, entretanto, exigem novas aprendizagens de forma lenta e constante. Isso já foi preconizado por Gohn (1999, p. 92), quando afirmou que “o verdadeiro processo da cooperação cooperativa exige cooperados que sejam os efetivos protagonistas das ações e dos empreendimentos cooperativos, ou seja, que os dirijam de forma autônoma, democrática, solidária e participativa”. Nesse sentido, Frantz, Schonardie e Schneider (2017) acrescentaram que o agente cooperativista é convidado a construir um empreendimento que esteja sob a sua condução e responsabilidade e não a serviço de terceiros.

Para tanto, é necessária a clareza sobre o que diferencia as cooperativas de outros tipos de empresas. Isso quer dizer que cooperados, dirigentes e funcionários precisam saber as especificidades das cooperativas, entendendo sua missão e objetivos e qual é a sua função de cada um dentro da organização e como podem melhor cumpri-la. Sem educação cooperativista dificilmente esse tipo de empresa poderá funcionar adequadamente, cumprindo com seus objetivos e respondendo aos desafios que serão apresentados diariamente.

Em acréscimo, Santos (2000) ressalta que a educação cooperativista pode ser considerada um dos princípios do cooperativismo e tende a ser vista como um importante instrumento para promover o desenvolvimento delas. Em fase

disso, o autor salienta que, uma vez que os cooperados, dirigentes e todos os envolvidos direta ou indiretamente na cooperativa começarem a ter uma compreensão mais clara do que é e o que pode dar o cooperativismo, certamente entenderão que precisam vivenciar com mais autenticidade o seu papel e cumprir com eficiência suas responsabilidades. Assim dizendo, eles passarão a atuar com afinco no dia a dia de suas cooperativas, comprometidos com a sua gestão (SANTOS, 2000).

A educação cooperativa também significa conhecimento (HENDGES; SCHNEIDER, 2006). Sendo assim, pensa-se que identificar e compreender os valores, regras e princípios que norteiam o movimento cooperativo é o primeiro passo para que um sócio inicie sua participação em uma cooperativa e passe a integrar seu quadro social. Não menos importante, recomenda-se que os cooperados, antes que pensem em fazer parte de uma associação dessa natureza, procurem conhecer de antemão sua estrutura e os princípios que orientam seu funcionamento (HENDGES; SCHNEIDER, 2006).

Ampliando tais informações, Frantz (2003, p. 2-3) ressalta que,

quanto mais se compreende os fenômenos e os acontecimentos em todos os espaços da vida, mais possibilidades de organização e ação se apresentam diante de suas dificuldades ou interesses. Entre o conhecimento e a ação dos homens existe uma estreita relação. Dessa relação nasce o poder de ação. Pela organização cooperativa, busca-se poder de ação. Portanto, faz sentido aprofundar o conhecimento teórico sobre o que é e como funciona uma cooperativa. O exercício do poder cooperativo depende dessa compreensão, depende de conhecimento.

Reforçando a importância da iniciativa de buscar o conhecimento, Freire (1997) lembra que se o homem buscar essa consciência de autonomia, se tornará mais fácil conhecer, compreender e se comprometer com a própria realidade. Em resumo, Albuquerque (2003), ao fazer referência ao projeto político-pedagógico, item que também se aplica ao contexto da educação cooperativa, destaca que ele precisa dar conta da missão de identificar quais

são as finalidades sociais que precisam ser reforçadas, de modo que seja possível garantir, de fato, a construção de dignidades e, concomitantemente, de indivíduos mais autônomos.

Ainda sobre os projetos político-pedagógicos de cooperativas, Ferreira, Sousa e Amodeo (2018, p. 526) pensam que eles precisam ser compreendidos como lugares de “construção coletiva dos conhecimentos que se encontram tanto disponibilizados pela cultura de uma sociedade como existentes no grupo.” Além disso, os autores acreditam que tais documentos educacionais “clamam por um agir cooperativo no seu sentido mais amplo, que possibilite a passagem de uma cultura pautada na desconfiança para uma cultura que tenha como prioridade, necessariamente, a confiança e a cooperação” (FERREIRA; SOUZA; AMODEO, 2018, p. 526).

Finalizando as discussões sobre a educação cooperativista, Jakobsen (1996) explica que ela deve cumprir dois propósitos básicos: a) compartilhar com os membros da cooperativa o entendimento sobre a lógica e a dinâmica desse tipo de organização e qual o papel do cooperado; e b) dar subsídios suficientes aos associados em relação às ferramentas que os habilitarão a pensar em novas soluções, de acordo com a lógica geral dos princípios e valores cooperativos, especialmente em contextos de crise e de necessidades de mudança e inovação. Nesse último item, inserem-se tanto as técnicas de gestão e produção como também os conhecimentos específicos mais variados possíveis, que melhorem o desempenho do produtor e da cooperativa (FERREIRA; SOUZA; AMODEO, 2018).

Em suma, enfatiza-se que é no contexto da cooperativa e do cooperado que se percebem “constantes manifestações dos próprios representantes das cooperativas sobre a necessidade de promover um processo contínuo de aprendizagem nessas organizações e, por conseguinte, de difundir entre os indivíduos envolvidos, direta ou até mesmo indiretamente, o conhecimento sobre sua natureza específica” (FERREIRA; SOUZA; AMODEO, 2018, p. 527). Nesse sentido, pensa-se que é necessário lançar mão do quinto princípio

cooperativista, qual seja: “educação, formação e informação”, de modo que seja possível atender às demandas particulares de tais processos de aprendizagem específicos dessas organizações (FERREIRA; SOUZA; AMODEO, 2018).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo caracteriza-se, principalmente, por seu caráter descritivo, tendo sido desenvolvido a partir de um estudo de caso na cooperativa C. Vale. Para alcançar o objetivo proposto, foram utilizadas as abordagens qualitativa e quantitativa, de forma complementar.

No que tange a técnica de coleta de dados, utilizou-se um questionário para uma amostra de cooperados, além de uma entrevista semiestruturada direcionada ao gerente de Assessoria de Qualidade e Comunicação Social da C. Vale.

O universo desta pesquisa envolveu os cooperados da cooperativa C. Vale, da microrregião de Toledo, localizada na mesorregião Oeste do Paraná. Ela possui unidades de atendimento nos municípios de Assis Chateaubriand, Guaíra, Maripá, Palotina (sede da Cooperativa) e Terra Roxa. Devido ao significativo tamanho e a dispersão geográfica do universo, optou-se por trabalhar com uma amostra da população. Para determiná-la, utilizou-se a fórmula a seguir, calculada segundo a expressão para populações finitas proposta por Richardson (1985):

$$n = \frac{\sigma \cdot p \cdot q}{E^2(n - 1) + \sigma^2 \cdot p \cdot q}$$

Em que:

n = tamanho da amostra

p = proporção da representatividade de cada unidade pesquisa no universo da amostra.

q = 100 - p

N = tamanho da amostra

E2 = erro de estimação permitido

σ^2 = Nível de significância

Pretendeu-se que a proporção da característica pesquisada no universo fosse 50%, ou seja, o caso mais desfavorável para a estimação, pois é aquele em que a amostra deve ser maior. Nesse caso, a proporção do universo que não possui a característica pesquisada é de 50%. Considerando um nível de confiança de 95%, equivalente a dois desvios, e um erro de estimação de 6%, obteve-se o tamanho mínimo da amostra composto por 256 cooperados, estratificados por município, mantendo-se as proporções de cada estrato da população na amostra. Desta forma, a amostragem pode ser considerada probabilística.

Estes subgrupos não se interceptam e totalizam a população, sendo cada uma das subdivisões populacionais denominada de estrato. Este tipo de amostragem é recomendado quando se deseja obter estimativas com certa precisão para cada uma das subdivisões (SZWARCWALD; DAMACENA, 2008).

Na Tabela 1 são apresentados os estratos, com o tamanho da amostra pesquisada em cada município.

Tabela 1 – Amostra de cooperados pesquisados dos Municípios que detém unidade da C. Vale

Unidade	Nº Cooperados	Representatividade	Amostra
Assis Chateaubriand	1.955	32,84%	46
Guaíra	237	3,98%	67
Maripá	1.130	18,98%	10
Palotina	1.563	26,26%	84
Terra Roxa	1.067	17,93%	49
Total	5.952	99,99%	256

Fonte: Organização das autoras (2019)

Os dados coletados caracterizam-se como primários. A coleta dos questionários dirigidos aos cooperados ocorreu por meio de visitas realizadas pelos agrônomos da C. Vale, no qual os questionários foram entregues e recolhidos no mesmo dia, diretamente ao produtor cooperado. O intuito foi o de capturar a percepção dos cooperados sobre a educação cooperativista. O início de aplicação

dos questionários se deu entre agosto e outubro de 2019. Foram entregues 256 questionários, dos quais 100% retornaram, respeitando a estratificação apresentada na Tabela 1. As opções de resposta apresentadas foram do tipo *Likert*, com variação de (1) à (5) nas respostas, sendo que (1) significa Discordo Totalmente, (2) Discordo em Partes (3) Nem concordo e Nem discordo (4) Concordo em Partes (5) Concordo totalmente.

É importante ressaltar que antes de ser aplicado, o questionário foi submetido a avaliação do diretor de Assessoria da C. Vale, bem como aplicado a alguns cooperados, escolhidos de forma aleatória, como teste piloto. O intuito foi corrigir eventuais falhas, principalmente de interpretação, além de adaptar a linguagem ao público-alvo.

Sobre a entrevista, esta foi concedida às autoras em agosto de 2019 pelo Gerente da Assessoria de Qualidade e Comunicação da C. Vale, na sede da Cooperativa. Ele foi escolhido por ser o responsável pelo setor no qual são desenvolvidos os programas e as práticas da educação cooperativista.

No que tange a tabulação dos dados, esta foi feita no *software* Excel 2013, com a análise descritiva dos dados no *software* R. A interpretação dos dados foi realizada com base na estatística descritiva, por meio do confronto dos resultados empíricos com a teoria abordada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Num primeiro momento apresenta-se um breve relato sobre o programa corporativo de educação cooperativista da C. Vale. De acordo com a entrevista realizada, trata-se de um programa institucionalizado de educação cooperativista, revisto e ajustado anualmente, de acordo com as demandas da cooperativa, dos seus cooperados e familiares e das instituições que contribuem para o fomento da

educação cooperativa, como por exemplo o SESCOOP/PR1. O programa foi estruturado em núcleos de ação organizados de acordo com seu quadro social. O Núcleo Jovem está ativo desde o ano de 2012, mas foi em 2014 que ocorreu a formalização de seu Regimento Interno. No ano de 2019 era formado por 32 jovens, pertencentes aos municípios de Palotina, Maripá, Terra Roxa e Assis Chateaubriand. No que tange aos núcleos femininos, estes são compostos por 98 mulheres associadas e/ou esposas e filhas de cooperados da C. Vale. São regulamentados pelo Regimento dos Núcleos Femininos e distribuídos da seguinte forma:

Quadro 1 – Composição dos Núcleos femininos da C. Vale

Núcleos femininos distribuído por município	
Núcleo Feminino de Palotina	26 participantes
Núcleo Feminino de Assis Chateaubriand	27 participantes
Núcleo Feminino de Terra Roxa	22 participantes
Núcleo Feminino de Maripá	23 participantes

Fonte: Adaptado de C. Vale (2019)

Já os comitês educativos são compostos por 132 cooperados (homens e mulheres) e dividem-se em: Assis (Núcleos de Assis e Encantado), Palotina (Núcleo de Palotina), Terra Roxa (Núcleos de Terra Roxa e Santa Rita) e Maripá (Núcleos de Maripá e Candeia) e congregados na CICE – Comissão de Integração dos Comitês Educativos, composto por 32 membros.

A estrutura existente na C. Vale para a execução de seu programa de educação cooperativista congrega seus diferentes públicos, o que vem de encontro com o que preconiza Schneider (2003), quando afirma que a educação cooperativista é um processo contínuo de aprendizagem, que deve abranger públicos distintos (cooperados, comunidade, dirigentes) e com diferente nível educativo, haja vista que existem determinadas demandas que são específicas para cada um desses públicos e que por isso exigem conteúdos variados.

¹ O Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP) é integrante do Sistema Cooperativista Nacional (OCB). Foi criado pela Medida Provisória nº 1.715, de 03/09/1998. Integra o Sistema de Organização das Cooperativas do Paraná (OCEPAR)

De acordo com Schneider (2003), ter um plano de educação cooperativista é vital para que algumas cooperativas possam monitorar a participação social de seus cooperados nos eventos abertos, pontuando sua presença nas assembleias, cursos sobre cooperativismo, palestras e inclusive atividades esportivas. De acordo com Centenaro (2019), a partir dele obtém-se se um maior envolvimento da cooperativa com os cooperados, familiares e comunidade e maior engajamento dos colaboradores. A proposta educativa necessita ter presente que aprendizagem contínua não é discurso técnico, mas condição para o enfrentamento das contradições interna e externa da organização cooperativa. Ela é um dos elementos-chave constitutivos de uma pedagogia de construção de saberes que se dá pelo aprofundamento e superação dos conflitos (SCHNEIDER, 2003).

Nesse contexto, a existência do programa corporativo de educação cooperativista da C. Vale demonstra compromisso em buscar soluções aos desafios de manutenção de seus cooperados e da cooperativa, proporcionando a visão de uma formação mais adequada sobre administração e controle do sistema, como aponta Schneider (2003).

Dando continuidade à pesquisa, os resultados foram divididos em duas etapas: a primeira trata do perfil dos cooperados da amostra e, a segunda, da percepção desses quanto ao programa de educação cooperativista da C. Vale.

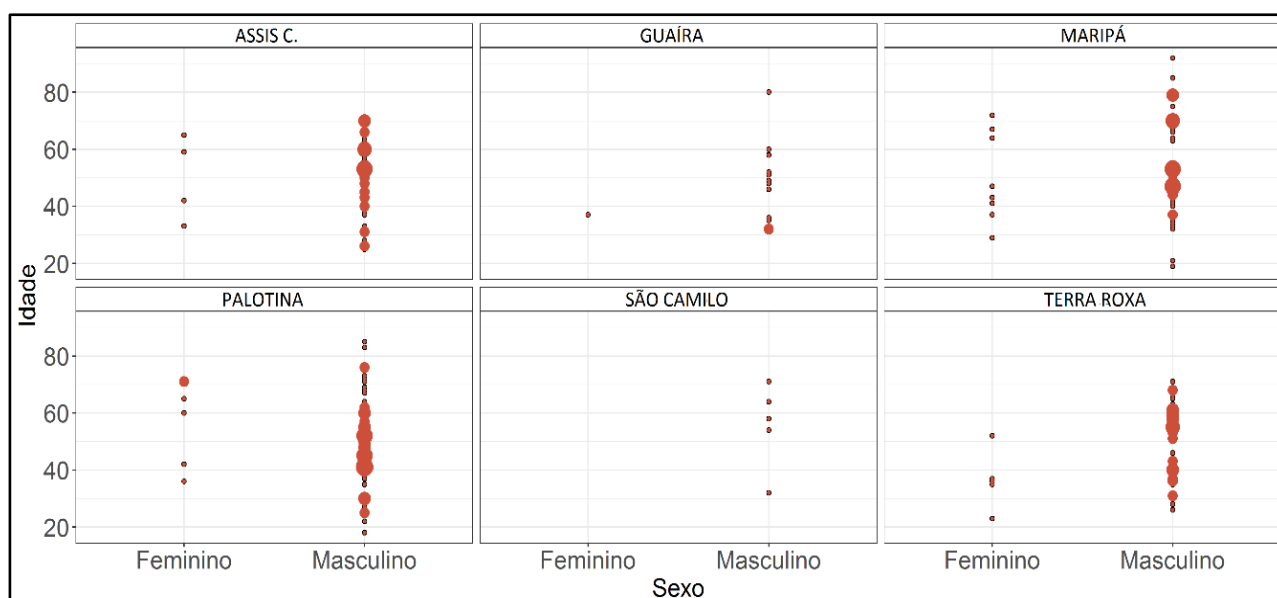
4.1 Perfil dos cooperados

Constatou-se que a idade média é de 50 anos, caracterizando-os como um grupo de pessoas adultas que, em breve, adentrarão na terceira idade. Quanto ao nível de escolaridade, percebeu-se que a maioria dos respondentes possui o ensino fundamental (41%), 33% possuem ensino médio completo e 26% o ensino superior. Os que detêm o ensino superior completo são os com idade inferior a 40 anos.

Vale destacar, contudo, que buscando complementar a formação, a C. Vale disponibiliza para seus cooperados e familiares todos os programas de educação do SESCOOP/PR, possibilitando ao cooperado constante renovação de seus conhecimentos, como por exemplo o: Cooperjovem: destinado para estudantes da área de atuação da cooperativa; Cooperjúnior: disponibilizado para filhos e netos de cooperados, entre 12 e 15 anos de idade; Jovemcoop: destinado para jovens, cooperados e filhos de cooperados, entre 16 e 30 anos de idade; Elicoop Jovem: destinado para jovens líderes, cooperados e filhos de cooperados, entre 16 e 30 anos de idade; Elicoop Feminino: destinado para esposas e filhas de cooperados (CENTENARO, 2019).

No que diz respeito ao gênero dos participantes, há o predomínio do sexo masculino, com 91% da amostra e, 9% do sexo feminino, conforme demonstra o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Gênero dos participantes

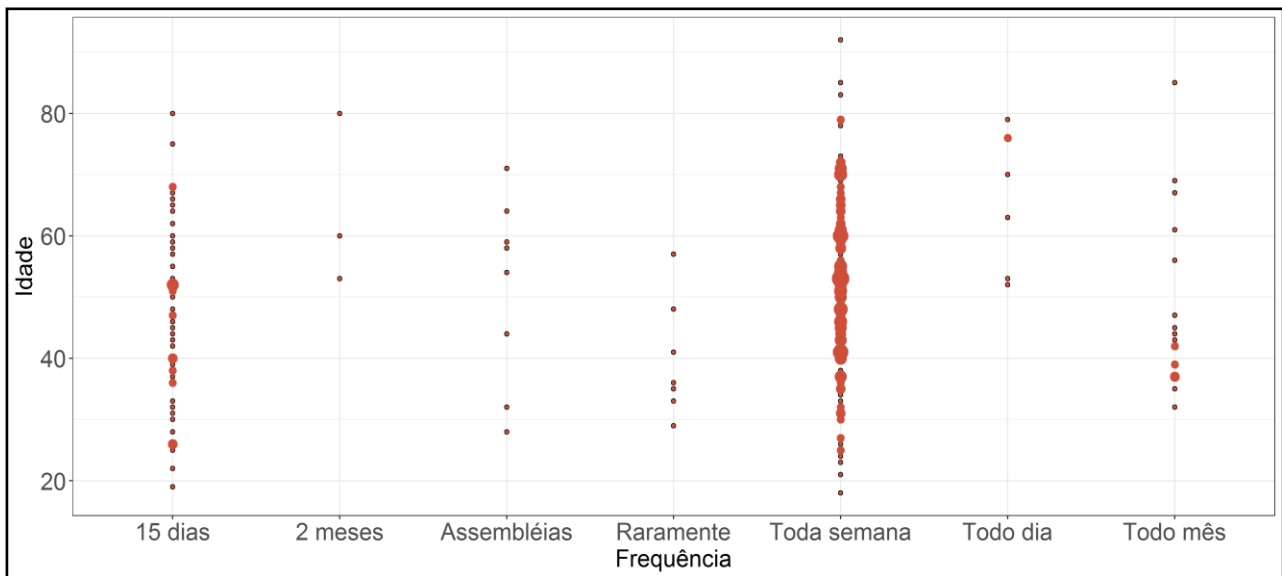


Fonte: Resultados da pesquisa (2019)

Em relação ao tempo de associação, constatou-se que 25% são cooperados há mais de 30 anos. Destaca-se também o quantitativo de 5% que se associaram nos últimos 3 anos. Esse fato pode ter ocorrido em função da construção do

abatedouro de peixes (tilápias) iniciado em 2017 na C. Vale. No que se refere à frequência com que os cooperados vão pessoalmente à cooperativa, verificou-se que 65% a frequenta semanalmente e, 18% uma vez a cada 15 dias (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Frequência com que o cooperado vai à cooperativa



Fonte: Resultados da pesquisa (2019)

A participação do cooperado, semanalmente, nas unidades da C. Vale é significativa, o que indica o engajamento desses com o sistema cooperativista. Pesquisa realizada por Willers (2015) identificou que o hábito de ir até as cooperativas de forma frequente é uma tradição cultural mantida desde a época da colonização e de fundação das cooperativas agropecuárias da mesorregião Oeste paranaense.

Também cabe citar que as cooperativas se tornaram centros de distribuição de serviços como: supermercados, agropecuárias, farmácias veterinárias, entre outros. Essa diversificação atrai o cooperado diante da comodidade de encontrar, em um mesmo local, vários serviços de que venha a precisar.

De modo geral, constatou-se que os resultados sobre o perfil apresentam características semelhantes aos estudos realizados em outras cooperativas paranaenses, quais sejam: a maioria dos cooperados são homens com idade

média de 50 anos; são agricultores com ensino fundamental e com mais de 20 anos de associação e utilizam os serviços prestados pelas cooperativas pelo menos uma vez por semana (PASINI, 2013; TIERLING, 2016).

Além desses resultados, os cooperados foram perguntados sobre os motivos que os levaram a serem cooperados da C. Vale. Nesse aspecto, a principal vantagem apontada pelos cooperados está vinculada a segurança e confiança de receber o pagamento pela produção entregue, seguida da garantia de assistência técnica ao longo da produção. Esse resultado está em conformidade com o já apontado por Schneider (2017), ao dizer que a cooperativa representa para o produtor rural um canal seguro e importante de comercialização e de geração de renda com regularidade, contribuindo para a inclusão produtiva, a geração de emprego no meio rural e o estímulo ao cooperativismo. Por fim, 50% da amostra afirmou que a C. Vale apoia ações humanitárias e socio ambientalmente sustentáveis, voltadas ao desenvolvimento da comunidade onde estão instaladas, o que também é um fator importante para os entrevistados.

Dentro de um grupo maior, os cooperados têm vantagens que não teriam isoladamente; tem condições, por exemplo, de negociar contratos melhores e preços mais justos para insumos como sementes, fertilizantes e equipamentos. E assim, devido ao ganho de escala, as cooperativas beneficiam diretamente o produtor, aumentando seu poder de negociação e suas oportunidades no mercado. Também possuem maior acesso à informação, tecnologia, inovação e serviços de extensão agrária, além de formação na gestão de recursos naturais.

4.2 Percepção da educação cooperativista existente

Esse item se refere a compreensão dos cooperados sobre a educação cooperativista realizada. Primeiramente foi investigado se os respondentes

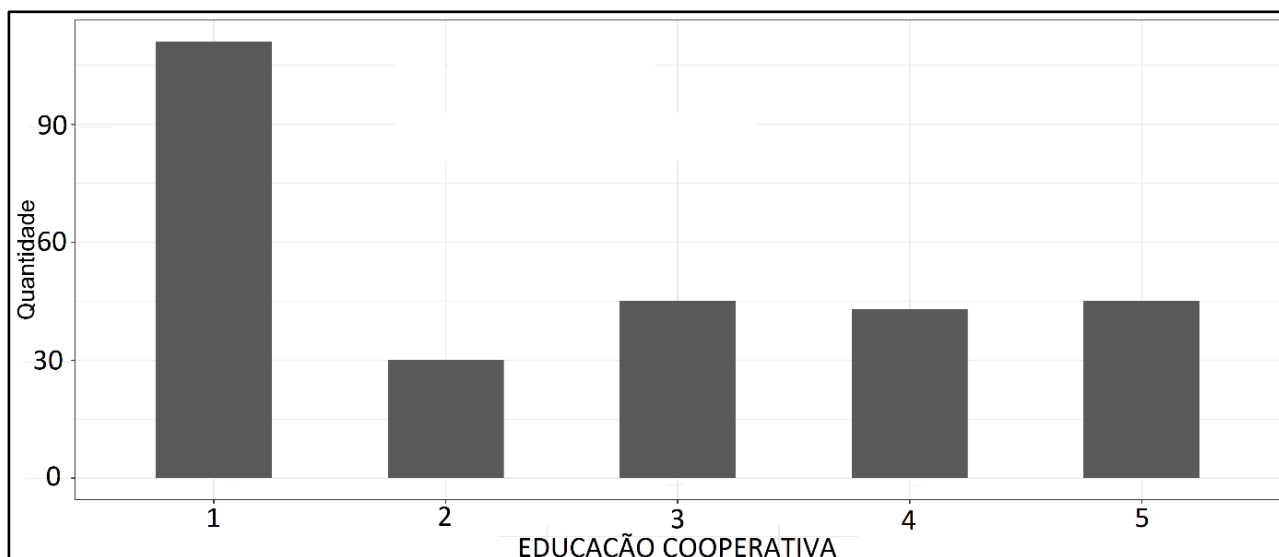
conhecem e compreendem os princípios básicos do cooperativismo. Nesse sentido, os resultados apontam que sim. Interessante destacar que o grau de instrução não interferiu na resposta. Ou seja, independentemente se o cooperado é graduado ou se concluiu o ensino fundamental, esse conhecimento faz parte do dia a dia dele.

Como forma de ampliar a análise, investigou-se também o grau de conhecimento quanto aos direitos e deveres enquanto cooperado, bem como se conhece ou não o estatuto da C. Vale e a doutrina cooperativista pregada. O grau de conhecimento quanto a doutrina cooperativista mostrou-se alto. Quanto aos direitos e deveres, os respondentes também afirmaram ter conhecimento. Contudo, as respostas obtidas quanto ao grau de conhecimento sobre o estatuto foram inferiores, pois apenas 50% responderam ter baixo ou médio conhecimento desse instrumento. Esse resultado chama a atenção uma vez que o estatuto é um dos requisitos para a organização e a constituição de uma sociedade cooperativa, sendo composto por um conjunto de regras norteadoras da sociedade que estabelece os direitos e deveres de seus sócios, além de descrever uma série de determinações legais que regulamentam o seu funcionamento. Como se pode conhecer seus direitos e deveres e atestar que desconhece o estatuto? Cabe aí uma investigação futura. De acordo com Schneider (2003), não se nasce cooperado em um ambiente predominantemente competitivo e individualista, de modo que somente se adquire uma mentalidade diferente por meio de uma educação continuada e persistente, motivando-a em prol de ideias, valores, princípios e atitudes que apelem para a solidariedade e a ajuda mútua.

Na sequência investigou-se sobre a participação nas atividades desenvolvidas pela C. Vale. De acordo com o Gráfico 3, a opção de resposta 1 'discordo totalmente', teve expressivo número de respondentes. O que isso significa? O resultado pode sinalizar que mesmo havendo a realização de

atividades dessa natureza, por falta de tempo, de desconhecimento ou desinteresse, não houve massiva participação por parte dos cooperados.

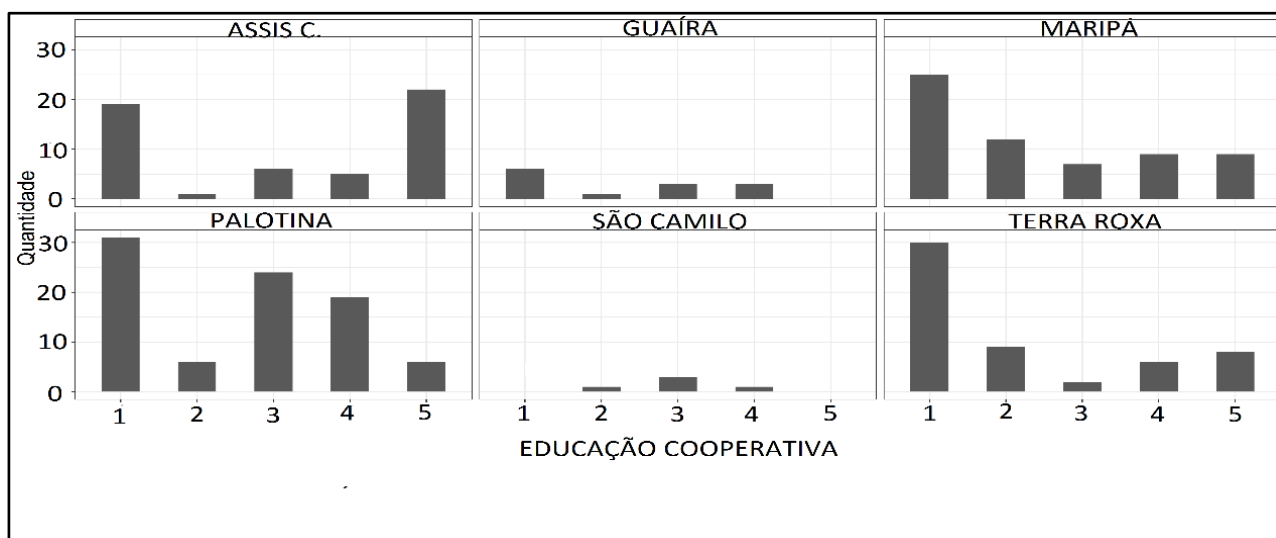
Gráfico 3 – Participação em atividades sobre a educação cooperativista nos últimos dois anos



Fonte: Resultados da pesquisa (2019)

Desmembrando as respostas por unidades da C. Vale (Gráfico 4), pôde-se constatar que os cooperados que residem no município sede da cooperativa e em Assis Chateaubriand (distante cerca de 48 km da sede) tem, respectivamente, uma participação maior. Por que dessa participação mais efetiva? Seria a questão da distância da unidade? Ou o acesso aos meios de comunicação utilizados pela C. Vale?

Gráfico 4: Participação de atividades sobre educação cooperativista nos últimos 2 anos por município



Fonte: Resultados da pesquisa (2019)

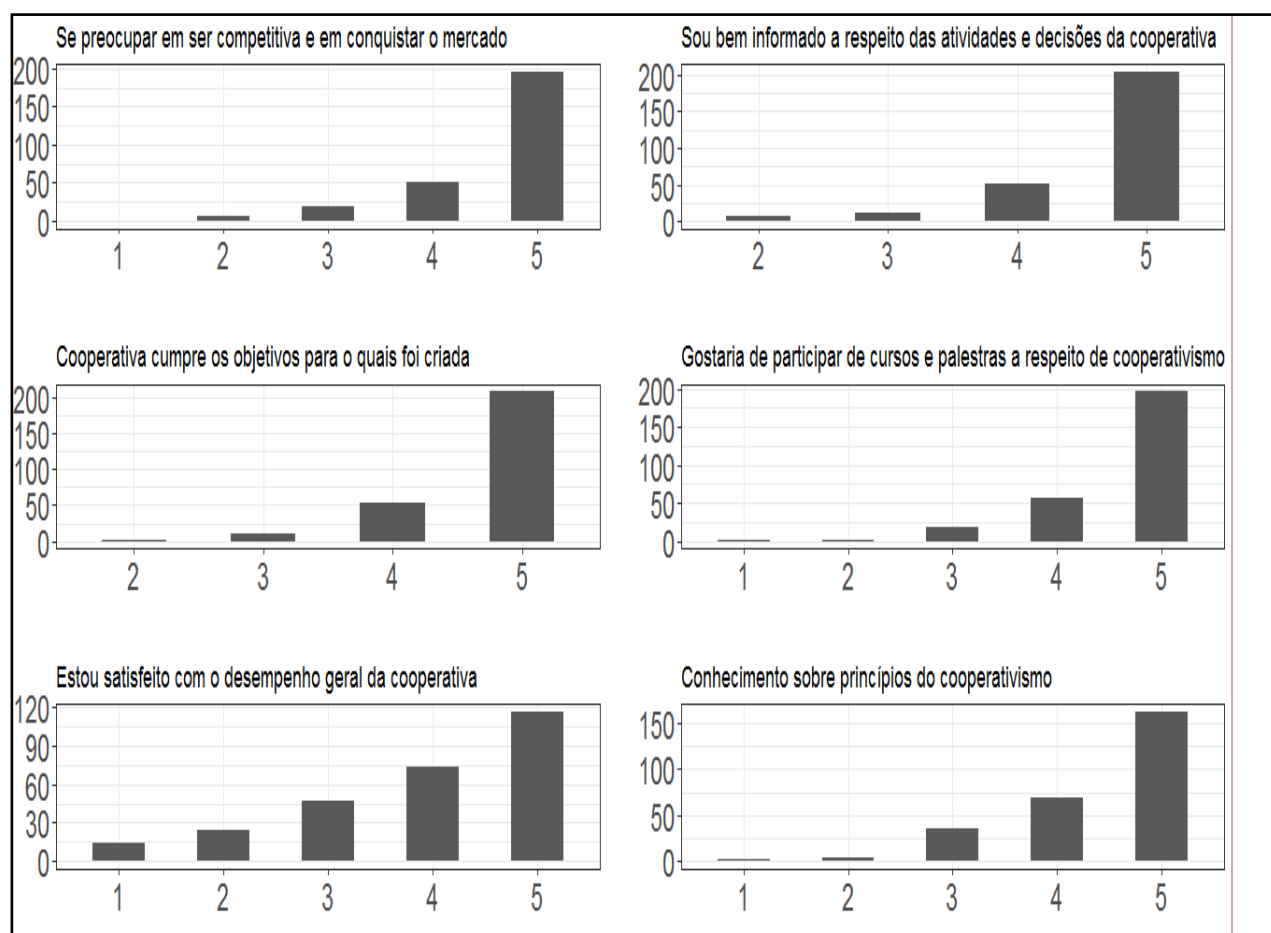
Para Schneider (2003), as cooperativas necessitam de programas de comunicação que favoreçam a educação cooperativista aos seus cooperados. Nesse sentido, há que se destacar o esforço e empenho da cooperativa, pois de acordo com Centenaro (2019), a C. Vale faz uso de diversos veículos de comunicação tais como: "Jornal local/regional; Revista da C. Vale; Rádio própria da cooperativa bem como Rádio AM/FM; TV; Internet; Dias de Campo e atividades realizadas nas comunidades onde há entrepostos." Contudo, mesmo havendo uma programação contínua de divulgação de suas ações de educação cooperativista, seria importante avaliar o alcance, principalmente para os cooperados que não residem no município sede. Schneider (2003) destaca a necessidade da constante avaliação dos programas de divulgação das ações e da educação cooperativista por parte das cooperativas.

Dando continuidade as análises, os cooperados foram questionados sobre a oferta de serviços pela cooperativa. Os resultados indicaram que sim. Inclusive, alguns mencionaram que a cooperativa se preocupa em trazer retorno financeiro e em organizar um processo educativo que faça o cooperado crescer pessoal e profissionalmente.

Para as questões de conhecimento específico no tocante a cooperativa (Gráfico 5), constatou-se que os entrevistados, em sua maioria concordam

totalmente com as afirmações: a) C.Vale se preocupa em ser competitiva, mas cumpre com os objetivos de sua criação; b) são de conhecimento dos cooperados as atividades e decisões da diretoria da cooperativa; c) estão satisfeitos e; d) detém conhecimento dos princípios do cooperativismo, mas gostariam de participar de cursos e palestras sobre educação cooperativista.

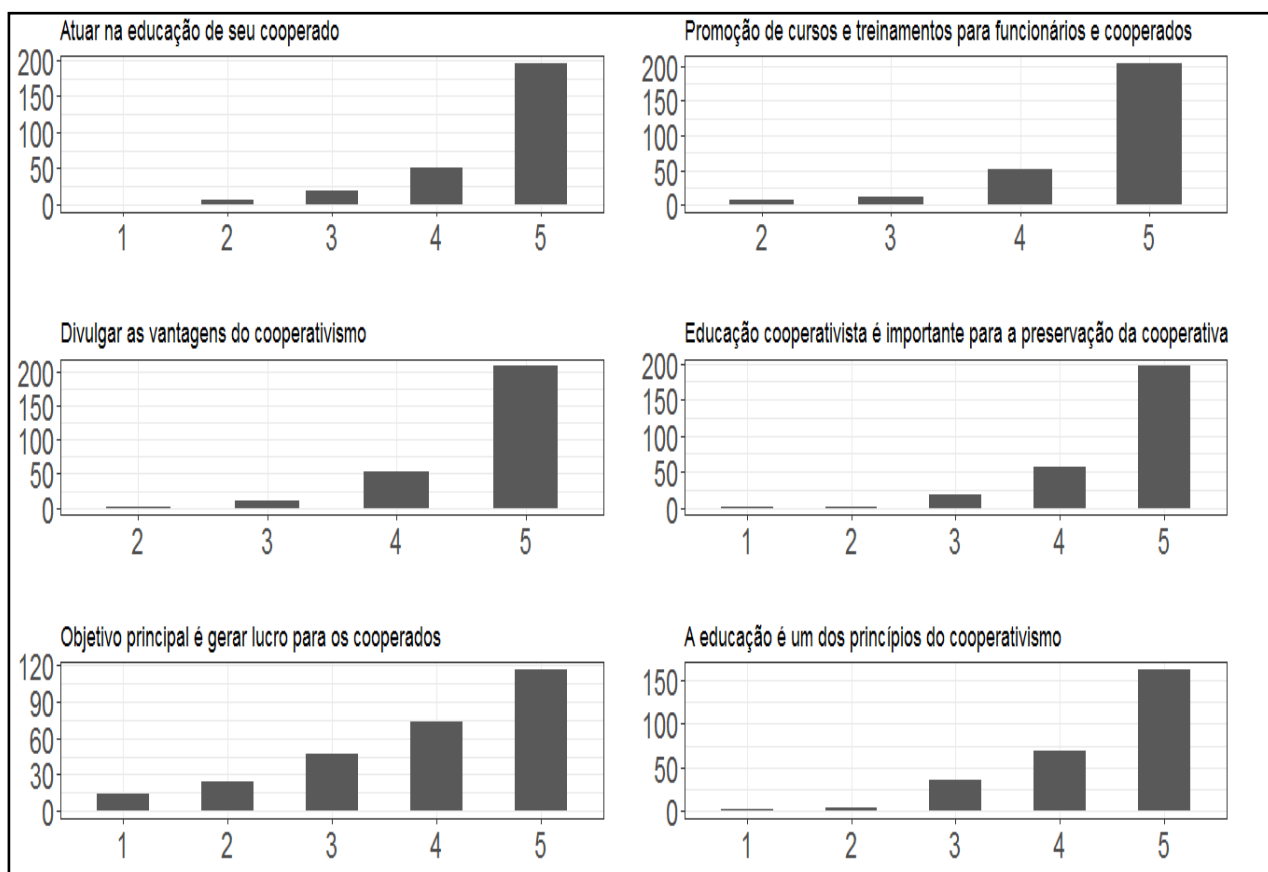
Gráfico 5 – Conhecimentos específicos sobre a Cooperativa C. Vale



Fonte: Resultados da pesquisa (2019)

Para as questões de conhecimento específico sobre a educação cooperativista, apresenta-se o Gráfico 6.

Gráfico 6 – Conhecimentos específicos sobre educação cooperativista



Fonte: Resultados da pesquisa (2019)

Constata-se que os cooperados assinalaram, em sua maioria, a opção 5 – concordo totalmente. Essas respostas significam que, para eles a C. Vale deve: a) atuar na educação do cooperado; b) promove cursos e treinamentos para cooperados e funcionários; c) que a educação cooperativista é importante para a preservação da cooperativa, pois a educação é um dos princípios do cooperativismo. Também concordam que a C. Vale deve divulgar as vantagens de ser cooperado.

Ressalta-se que o objetivo principal da empresa C. Vale ser o de gerar lucro para seus cooperados. Apesar das opções 4 e 5 terem sido as de maior frequência, chama-se a atenção para a existência das opções 1 a 3, o que merece ser revisto e repensado pela gestão da cooperativa. É notório que os aspectos econômicos, técnicos e de gestão são fundamentais para a manutenção, funcionamento e desenvolvimento das cooperativas e dos cooperados, no entanto, é importante também que o processo de educação esteja presente e permanente.

Pelo exposto, entende-se que a cooperativa C. Vale vem promovendo a educação e a formação de seus cooperados, dos representantes eleitos, dos gerentes e de seus funcionários, de forma que estes podem contribuir para o desenvolvimento da cooperativa. Isto ocorre pois eles divulgam os princípios do cooperativismo, e informam a natureza e os benefícios da cooperação para o público em geral, particularmente para os jovens e os líderes de opinião. Além disso, se preocupam com a educação e inclusão das mulheres.

5 CONCLUSÕES

A educação cooperativista é de fundamental importância para o desempenho de uma cooperativa, à medida que permite compreender que essa formação favorece a cooperação e a fidelização dos cooperados, tão essencial para a sobrevivência da organização (FERREIRA; PRESNO AMODEO, 2008).

Entende-se que tão importante quanto a gestão empresarial é a gestão social (educação e participação), pois ela gera sentimentos de pertencimento e de identidade dos cooperados com a cooperativa da qual fazem parte. É esse pertencimento que aumenta a fidelidade e a confiança do cooperado. É a educação cooperativista que promove a reflexão e a ação entre os cooperados, contribuindo para a participação e envolvimento desses com a cooperativa (SCHNEIDER, 2003; FERREIRA; PRESNO AMODEO, 2008).

Do ponto de vista funcional, a falta de programas direcionados à educação cooperativista está associada à origem de problemas de infidelidade e oportunismo (*free-rider*), presenciados em grande parte das relações entre cooperados e cooperativas, prejudicando sua sustentabilidade ao longo do tempo (LAGO, 2008).

Os resultados demonstraram que por meio do programa corporativo de educação cooperativista, a C. Vale vem atingindo os seguintes objetivos: a) qualificar os cooperados, seus familiares, funcionários e comunidade sobre os

conceitos, princípios e benefícios do cooperativismo; b) distribuir informações e; c) proporcionar ao público-alvo, capacitação e formação sobre cooperativismo, visando sua aproximação, maior envolvimento e integrando-os no cotidiano da cooperativa.

De modo geral, os resultados demonstraram que o programa de educação cooperativista é percebido como positivo pela maioria dos cooperados, pois os respondentes compreendem os princípios básicos do cooperativismo. Contudo, para que a educação cooperativa alcance ainda maior participação e efetividade seria importante rever e adequar os veículos de informação utilizados para divulgar as ações do programa. O fato de muitos residirem em zonas rurais pode limitar o acesso à comunicação virtual, muito utilizado pela C. Vale. Além disso, seria importante reflexões acerca de um maior conhecimento estatutário e de aspectos de interesse do cooperado. Outros elementos, além dos econômicos podem ser importantes.

Por fim, pesquisas futuras podem analisar a relação entre a educação cooperativista e o ingresso e permanência de cooperados em diferentes segmentos cooperativos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio de edital de pesquisa e demanda social.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, P. P. Reflexões sobre contemporaneidade, educação e agir cooperativo. In: SCHNEIDER, J. O. (Org.). **Educação cooperativa e suas práticas**. Brasília: Unisinos, 2003. p. 109-134.

BIALOSKORSKI NETO, S. **Estratégias e Cooperativas Agropecuárias**: um ensaio analítico. In. Agronegócio Cooperativo: reestruturação e estratégias. Universidade Federal de Viçosa, DER. Viçosa, MG. P. 305, 2002.

CENTENARO, JONIS EVERTON. **Questionário destinado ao dirigente da C. Vale**. [Entrevista concedida a] Daiane F. Staback. Disponível no Apêndice B. Toledo, 2019.

C. VALE. Cooperativa Agroindustrial. **História da C. Vale**. Página inicial. 2019. Disponível em: <<http://www.cvale.com.br>>. Acesso em: fev- set. 2019.

FERREIRA, P. R.; PRESNO AMODEO, N. B. O SESCOOP e a criação do campo da educação cooperativista. ENCONTRO DE PESQUISADORES LATINO-AMERICANOS DE COOPERATIVISMO, 2008, Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2008.

FERREIRA, P. R.; SOUSA, D. N. de; AMODEO (EM MEMÓRIA), N. B. P. Situação da Educação Cooperativista nas Cooperativas Agropecuárias de Minas Gerais. **Desenvolvimento em Questão**, v. 16, n. 42, p. 518–552, 2018. DOI: 10.21527/2237-6453.2018.42.518-552.

FRANTZ, W. Educação e poder na racionalidade da cooperação. **Perspectiva Econômica**, São Leopoldo, v. 37, n. 119, p. 65-84, 2003. (Série Cooperativismo n. 52).

FRANTZ, W. Educação para o cooperativismo: a experiência do movimento comunitário de base de Ijuí. In: SCHNEIDER, J. O. (Org.). **Educação cooperativa e suas práticas**. Brasília: SESCOOP. 2003. p.59-108.

FRANTZ, W. Razões do cooperativismo moderno. **O Interior**, Porto Alegre, v. 32, n. 963, p. 12, mar. 2008.

FRANTZ, W.; SCHONARDIE, P. A. As práticas do movimento cooperativo como lugares de educação. In REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambu. **Anais...** Caxambu Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa de Educação, 2007. p.1-15.

FRANTZ, W. SCHONARDIE, P. A. SCHNEIDER, J. O. As práticas do movimento cooperativo como lugares de educação. 2017. **Revista de Didáticas Específicas**. nº16. p.14-26.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política**. Impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999.

HENDGES, M.; SCHNEIDER, J. O. Educação e capacitação cooperativa: sua importância e aplicação. **Economia Solidária e Ação Cooperativa (Esac)**, Unisinos, v. 1, n. 1, p. 33-48, jul./dez. 2006.

JAKOBSEN, G. When business leads to cooperative development: a study of educational processes in a cooperative firm. In: **Review of International Cooperation**. v. 89/2, p. 25-33, 1996.

LAGO, A. educação cooperativa: a experiência do programa do Sicredi. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 46, 2008, Rio Brando. **Anais...** Rio Branco: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, para que?** São Paulo: Cortez, 1998.

LIMA, J. F.; ALVES, L. R. **Cooperativismo e Desenvolvimento Rural no Paraná do Agronegócio**. Artigo premiado em 3º lugar no VI Prêmio BRDE de Desenvolvimento PR. 2011. Disponível em: encurtador.com.br/IBJU5. Acesso em: 15 de jun. de 2019.

MENDES, M. M.; **Relação entre a educação cooperativista, participação e satisfação dos cooperados: verdades incertas**. 2010. 243 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

MÉSZAROS. I. **A educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MORATO, A. F.; COSTA, A. **Avaliação e estratégia na formação educacional cooperativista**. In: MACÊDO, K. B.; XIMENES, J. A. A. (Orgs). **Cooperativismo na era da Globalização**. Goiânia: UCG/Terra, 2001. 446 p.

NASCIMENTO, F. R. **Cooperativa como Alternativa de Mudança: uma abordagem normativa**. Rio de Janeiro: Forense, 2000. 209p.

PASINI, A. H. **A ação coletiva como forma de agregação no sistema agroindustrial da aquicultura de Maripá – PR**. 111 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* de Toledo, 2013.

REVISTA EXAME. **Melhores & Maiores 2019**: edição especial – As 1000 maiores empresas do Brasil. Setembro, 2019.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Altas, 1985.

SANTOS, F. E. G. **Educação cooperativista e organização do quadro social de cooperativas**. Belo Horizonte: SESCOOP-MG, 2000, p. 1-34.

SCHNEIDER, J. O. (org.). **A educação cooperativa e suas práticas**. Brasília/São Leopoldo: SESCOOP/UNISINOS. 256 p., 2003

SCHNEIDER, J. O. **Educação e capacitação cooperativa**: sua importância e aplicação. São Leopoldo: UNISINOS, 2007.

SCHNEIDER, J. O. Cooperativismo e direitos humanos. Unisinos, Brasil. **Perspectiva Econômica**, 13(2):147-157, julho-dezembro, 2017.

SZWARCWALD, C.; DAMACENA, G. Complex Sampling Design in population Surveys: Planning and effects on statistical data analysis. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, vol. 11, pp. 38-45, 2008.

SOUZA, A. R. **Um instantâneo da economia solidária no Brasil**. In SINGER, P.; SOUZA, A. R. (Orgs.). A economia solidária no Brasil. A autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, pp. 7-10, 2000.

TIERLING, I. M. B. M. **Ação coletiva no contexto da agricultura familiar**: um estudo na associação de produtores de Corumbataí do Sul. Dissertação de Mestrado. 155 f. (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* de Toledo, 2016.

WILLERS, Ednilse Maria. **Cultura associativa**: a gênese do cooperativismo agropecuário de alimentos da mesorregião Oeste paranaense. Tese de Doutorado. (Doutorado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* de Toledo, 2015.

Contribuições de autoria

1 – Daiane Franciele Staback (Autora correspondente)

Titulação: Doutoranda e Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

<https://orcid.org/0000-0003-2351-4680> • daiane.staback@hotmail.com

Contribuição: redação, coleta de dados e descrição de todas as etapas do artigo

2 – Carla Maria Schmidt

Titulação: Pós-doutora. Doutora em Administração pela Universidade de São Paulo (USP) Professora Associada da Unioeste, Campus de Toledo

<https://orcid.org/0000-0001-8364-2663> • carlamariaschmidt@hotmail.com

Contribuição: redação e descrição de todas as etapas do artigo

3 – Ednilse Maria Willers

Titulação: Doutora em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Professora adjunta da Unioeste, Campus de Toledo

<https://orcid.org/0000-0002-2029-2923> • ednilse26@gmail.com
Contribuição: redação e descrição de todas as etapas do artigo

Como citar este artigo

STABACK, D. F.; SCHMIDT, C. M.; WILLERS, E. M. A educação cooperativista na visão do cooperado: O caso da cooperativa agroindustrial C. Vale. **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas**, Santa Maria, v.9, e16, 2022. DOI 10.5902/2359043263550. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2359043263550>.